

Maria José Pinto

(Escola Secundária de Valongo)

Citação: Pinto, Maria José, "Bartolomeu de Gusmão: O Construtor de Sonhos", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 11 (2010). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

Je sais que je tombe dans l'inexplicable, quand j'affirme que la réalité – cette notion si flottante –, la connaissance la plus exacte possible des êtres est notre point de contact, et notre voie d'accès aux choses qui dépassent la réalité.

Marguerite Yourcenar

Este artigo pretende reflectir sobre a personalidade e a obra do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, bem como sobre a presença desta figura incontornável no romance *Memorial do Convento*, de José Saramago, que consta do programa de Português de décimo segundo ano. Vou começar por destacar alguns factos biográficos que serviram de ponto de partida para a personagem criada por Saramago em *Memorial do Convento*. De seguida, abordarei a presença do Padre e a construção da Passarola nesta obra.

Bartolomeu Lourenço de Gusmão nasceu em Dezembro de 1865, em Santos, no Brasil, então território português. Aos quinze anos veio para Portugal, tendo frequentado a Faculdade de Cânones de Coimbra, onde se doutorou. Ordenou-se, então, sacerdote da Companhia de Jesus. Já ordenado, mudou-se para Lisboa em 1701, onde realizou estudos de matemática e física mecânica. Entretanto, destacou-se como pregador religioso e recebeu do rei D. João V o cargo de capelão da Casa Real. A partir desse momento, dedicou-se sobretudo aos seus inventos.

Entre 1713 e 1716 viajou pela Europa para estudar, acumular conhecimentos. Regressado a Portugal, ignorou os fanatismos religiosos da época e questionou alguns princípios dogmáticos da Igreja. O seu sonho de voar tornou-o uma *persona non grata* para a Inquisição. Foi obrigado a fugir para Espanha, adoeceu em Toledo, tendo vindo a falecer a 13 de Janeiro de 1724 (cf. AAVV 1990).

Apresentado, de forma necessariamente sucinta, o percurso de Bartolomeu de Gusmão,¹ analisemos mais concretamente os factos que se prendem com a construção da Passarola e que estão presentes no tecido narrativo de *Memorial do Convento*.

Em 1709, Bartolomeu de Gusmão teria já a ideia de construir uma máquina voadora, pelo que dirigiu ao rei D. João V uma petição em que requeria para si uma patente sobre os proveitos de um "instrumento que inventou para andar pelo ar". Nesse documento, enumera as vantagens do desenvolvimento futuro do seu invento, tanto para as comunicações como para a guerra e o comércio. Sabe-se que o rei despachou favoravelmente a petição.

Em Agosto desse ano, realizou, perante a corte portuguesa, no pátio da Casa da Índia, em Lisboa, a primeira demonstração da Passarola, uma espécie de balão concebido e construído por ele. Na primeira tentativa, o balão pegou fogo sem sair do solo, mas, numa segunda demonstração, elevou-se a quatro metros de altura.

Pela primeira vez na história da Humanidade, um globo de ar quente elevou-se no ar, desafiando as leis da gravidade. Nunca, até então, se tinha assistido a nada semelhante. Porém, se a glória da invenção dos aeróstatos se deve a Bartolomeu de Gusmão, a da primeira viagem aeronáutica confirmada cabe, sem dúvida alguma, aos irmãos franceses Étienne e Joseph Montgolfier, em 1783.

Ainda assim, a determinação, a coragem e a ousadia de Bartolomeu de Gusmão terão fascinado José Saramago que decidiu incluir no seu romance a história do padre e da sua Passarola.

Assim, tal como aconteceu com o 'verdadeiro' Bartolomeu de Gusmão, em *Memorial do Convento*, o Bartolomeu ficcionado também tem um sonho: a construção da Passarola.² Evidentemente, sabe que sozinho não poderá concretizar esse projecto. Conta, então, com o apoio do rei D. João V que o ajuda, fornecendo-lhe meios económicos para a construção da máquina e cedendo-lhe o espaço, a Quinta de S. João da Pedreira, local mágico, ao qual só acedem o próprio padre, Baltasar e Blimunda e, mais tarde, o músico Scarlatti, contratado para dar lições à infanta Maria Bárbara.

O Padre Bartolomeu Lourenço forma com Baltasar e Blimunda o núcleo mágico e trágico do romance. Vive com uma obsessão, construir a máquina de voar, o que o leva a encetar uma investigação científica na Holanda. Como cientista ignora os fanatismos religiosos da época e questiona alguns princípios dogmáticos da Igreja.

A vontade de voar domina-o de tal forma que não se inibe de integrar no seu projecto um casal não abençoado pela Igreja e de aceitar e usufruir das capacidades heréticas de Blimunda que farão a Passarola voar.

Antes de partir para a Holanda para onde foi estudar com o objectivo de obter mais conhecimentos, partilha o seu projecto com Baltasar:

[S]entou-se o padre numa pedra, fez sinal a Sete-Sóis para que se acomodasse ao lado dele, e enfim respondeu, como se agora mesmo tivesse ouvido a pergunta, Porque eu voei, e disse Baltasar, duvidoso, Com perdão da confiança, só os pássaros voam, e os anjos, e os homens quando sonham, mas em sonhos não há firmeza. Não tens vivido em Lisboa, nunca te vi, Estive na guerra quatro anos e a minha terra é Mafra, Pois eu fiz dois anos que voei, primeiro fiz um balão que ardeu, depois construí outro que subiu até ao tecto duma sala do paço, enfim outro que saiu por uma janela da Casa da Índia e ninguém tornou a ver. Mas voou em pessoa, ou só voaram os balões. Voaram os balões, foi o mesmo que ter voado eu, Voar balão não é voar homem, O homem primeiro tropeça, depois anda, depois corre, um dia voará. (Saramago 1986: 63)

Baltasar, Blimunda e o Padre formam um trio que vai pôr em prática o sonho de voar. Assim, o trabalho físico e artesanal de Baltasar liga-se à capacidade mágica de Blimunda e aos conhecimentos científicos do Padre, aos quais se junta, finalmente, um quarto elemento, o músico Domenico Scarlatti, que passa a tocar enquanto os outros trabalham. Todos partilham do entusiasmo provocado pela construção da Passarola. Existe uma conjugação de saberes que corporiza o sonho de voar.

A Passarola fica pronta e voará. Voará, mas em circunstâncias muito particulares. Num dia de Verão, o Padre chega atormentado à abegoaria da Quinta da Pedreira. O seu invento tinha chegado aos ouvidos do Santo Ofício e Bartolomeu é procurado pela Inquisição:

[O] padre Bartolomeu Lourenço entrou violentamente na abegoaria, vinha pálido, lívido, cor de cinza, como um ressuscitado que já fosse apodrecendo, Temos de fugir, o Santo Ofício anda à minha procura, querem prender-me, onde estão os frascos. Blimunda abriu a arca, retirou umas roupas, Estão aqui, e Baltasar perguntou, Que vamos fazer. O padre tremia todo, mal podia sustentar-se de pé, Blimunda amparou-o, Que faremos, repetiu, e ele gritou, vamos fugir na máquina, depois, como subitamente assustado, murmurou quase inaudivelmente, apontando a passarola, Vamos fugir nela, Para onde, Não sei, o que é preciso é fugir daqui. Baltasar e Blimunda olharam-se demoradamente, Estava escrito, disse ele, Vamos, disse ela. (*idem*: 199)

Após muito trabalho, a Passarola, de facto, voou e, simbolicamente, transformou-se num meio de fuga de um lugar onde dominava a prepotência, a intolerância. Ela materializou o sonho dos seus construtores e materializou a coragem, o esforço, a vontade e a sabedoria do ser humano:

[A] máquina estremeceu, oscilou como se procurasse um equilíbrio subitamente perdido, ouviu-se um rangido geral, eram as lamelas de ferro, os vimes entrançados, e de repente, como se a aspirasse um vórtice luminoso, girou duas vezes sobre si própria enquanto subia, mal ultrapassara ainda a altura das paredes, até que, firme, novamente equilibrada, erguendo a sua cabeça de gaivota, lançou-se em flecha céu acima. (*idem*: 202)

De início, com algum receio, depois com euforia, novamente com receio e até desânimo foram sobrevoando Lisboa, Mafra até que chegaram ao fim da sua aventura.

[F]rouxos de membros, extenuados, os três viajantes escorregaram para fora, tentaram ainda segurar-se à amurada, não o conseguiram, e, rolando, acharam-se estendidos no chão, nem sequer feridos de raspão, é bem verdade que não se acabaram os milagres, e este foi dos bons, nem foi preciso invocar S. Cristóvão, ele lá estava, vigiando o trânsito, viu aquele avião desgobernado, deitou-lhe a grande mão e evitou a catástrofe, para seu primeiro milagre aéreo não esteve nada mal. (*idem*: 210)

Com efeito, saíram vivos desta aventura, mas mal a Passarola aterrou, o Padre sentiu o perigo em que estava e decidiu fugir para Espanha. Soube-se depois pelo músico Scarlatti que Bartolomeu tinha morrido em Toledo, alegadamente louco.

Quanto a Baltasar e Blimunda regressaram a Mafra, mas sempre com o coração em Monte Junto, local onde tinha aterrado a máquina. Numa das idas de Baltasar ao Monte para cuidar da Passarola, enquanto este a reparava, ocorreu um acidente e Baltasar desapareceu dentro da máquina, tendo esta subido ao ar inadvertidamente, levando consigo Baltasar Sete-Sóis.

Blimunda procurou-o desesperadamente durante nove anos, percorreu Portugal de uma ponta a outra mais do que uma vez, chegando a ultrapassar a fronteira. Numa das vezes em que passava por Lisboa, apercebeu-se que estava a decorrer um auto-de-fé. Aproximou-se, constatou que entre os condenados estava António José da Silva, o Judeu e verificou também que entre os que ardiam estava um maneta. Encontrara, por fim, o seu Baltasar.

Pode concluir-se, assim, que a Passarola, símbolo da concretização do sonho de um visionário, funciona de forma antagónica ao longo da narrativa: é ela que une Baltasar, Blimunda e o Padre, mas também é ela que vai acabar por separá-los – loucura e morte, em Toledo, de Bartolomeu de Gusmão, morte de Baltasar Sete-Sóis no auto-de-fé e solidão de Blimunda.

Termina deste modo *Memorial do Convento* com a fragmentação do trio mágico que um dia alimentou uma utopia: voar. Contudo, citando Fernando Pessoa, outro visionário, em *Mensagem*:

Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?

(Pessoa 1989 [1934]: 26)

Referências Bibliográficas

AAVV (1990), *Dicionário Enciclopédico da História de Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa.

Dannemann, Fernando Kitzinger, “Passarola – E o homem começou a voar...”, URL: <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=473726>, consultado em 16 de Dezembro de 2009.

Pessoa, Fernando (1989) [1934], *Mensagem*, Porto Alegre, Edições Caravela.

Saramago, José (1986), “Memorial do Convento”, 35.ª edição, Lisboa, Editorial Caminho.

Silva, Fernando Correia, “Bartolomeu de Gusmão”, URL: <http://www.vidaslusofonas.pt/bartolomeu.htm>, consultado em 20 de Dezembro de 2009.

Notas

¹ Sobre Bartolomeu de Gusmão, ver também <http://www.vidaslusofonas.pt/bartolomeu.htm>.

² Para uma interessante reflexão sobre a Passarola, ver Dannemann, em: <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=473726>.